

DINAH JEFFERIES

A escritora que nos leva a viajar pelo tempo
em romances plenos de cor e exotismo.

O Silêncio da Chuva de Verão



A derradeira escolha entre o que
o coração deseja e o que a tradição dita.

TOP
SEL
LER

Para o Richard

Deli, Índia

23 de dezembro de 1912

Anna Fraser esperava de pé na varanda ricamente esculpida de uma das mansões *haveli* que orlavam a estrada. Às 11 horas, as ruas já tinham sido lavadas e pulverizadas com óleo, mas a poeira soprada pelo vento ainda irritava os olhos da multidão crescente. Os renques de árvores frondosas — amargoseiras e figueiras-dos-pagodes — ao longo do centro da antiga Chandni Chowk eram sacudidos, como que em desafio, enquanto as gralhas ganhavam voz, a crocitar e a cacarejar, muito acima das vias estreitas que saíam da praça principal.

Anna segurava no chapéu de sol branco e olhava, nervosa, para as bancas que vendiam de tudo, de sorvete fresco a peixe frito com malagueta. Havia fruta de aspeto peculiar, saris de seda, livros e bijuteria e, atrás de janelas com gelosias em padrões complexos, mulheres que forçavam a vista a bordar delicados xailes de seda. Onde o aroma a sândalo impregnava o ar, os boticários ganhavam fortunas com óleos e poções de cores inusitadas. Banha da cobra, como David lhes chamava, embora Anna já tivesse aprendido que alguns se faziam com lagartos esmagados, e a cor era a da romã. Dizia-se que se poderia satisfazer qualquer capricho ali, no coração da cidade.

Qualquer capricho! *Oh, que ironia*, pensou ela.

Virou-se para o local onde o vice-rei não tardaria a aparecer, sentado num elefante, acompanhado pela esposa, a vice-rainha. Cheio de orgulho, o marido de Anna, funcionário público, informara-a de que também ele montaria num elefante, entre 53 animais,

todos escolhidos para seguirem logo atrás do vice-rei à cabeça do cortejo. Deli iria substituir Calcutá como centro do governo britânico e, naquele dia, o vice-rei, o lorde Hardinge, iria oficializar essa mudança com uma estrada cerimonial na antiga cidade murada, partindo da principal estação ferroviária, na Queen's Road.

Anna identificou o chilrear de canários e rouxinóis, pendurados em dezenas de gaiolas que enfeitavam as montras das lojas mais abaixo e, mais longe, o ruído forte dos poucos elétricos que ainda passavam. Depois olhou para a explosão de cores orientais onde a multidão continuava a avolumar-se. Chamou a filha, Eliza.

— Anda, querida. Devem chegar dentro de poucos minutos.

Eliza estivera sentada, a ler em silêncio, para passar o tempo, mas aconteceu logo ao som da voz da mãe.

— Onde, onde?

— Tens bichos-carpinteiros? Já te disse para teres paciência — disse Anna, e olhou para o relógio. 11h30.

Eliza abanou a cabeça. Já esperava há tanto tempo, e custava ter paciência aos 10 anos, principalmente com aquele nível de entusiasmo sem precedentes.

— Deve ser quase altura de ver o papá — disse ela. Anna suspirou.

— Olha só para ti. Tens o vestido todo amarrotado.

Eliza olhou para o vestido branco cheio de folhos, feito especialmente para aquele dia. Esforçara-se por manter tudo em ordem, mas ela e os vestidos não se davam bem. Não era que não os tentasse manter limpos, mas havia sempre coisas interessantes para fazer. Felizmente, o pai não se importava que ela ficasse numa lástima. Amava-o de paixão; lindo e divertido, tinha sempre um abraço caloroso para ela e um doce embrulhado, repousando no amontoado de borbotos no bolso da camisa.

Atrás dos nativos, estavam os britânicos, trajados de algodão e linho pálido, sentados em bancas dos dois lados da rua; pareciam descoloridos, em comparação. Apesar do esplendor do dia, Anna não podia deixar de pensar que muitos dos indianos pareciam apáticos talvez devido ao vento frio e agreste que soprava dos Himalaias. Pelo menos, os britânicos pareciam adequadamente entusiasmados. Ela franziu o nariz ao aroma de gengibre e *ghee* que pairava no ar e, a

tamborilar os dedos no corrimão, continuou à espera. David prometera tanto quando sugerira que ela viesse para a Índia com ele, mas, a cada ano que passava, a magia azedava. Mais abaixo, as crianças irrequietas começavam a dispersar-se. Uma criança que ainda mal andava saiu da fila e entrou no caminho por onde o cortejo passaria, rumo ao forte.

Anna tentou perceber quem seria a mãe da criança. *Mas que desleixo, deixar uma criança tão pequena afastar-se tanto*, pensou. Avistou uma mulher, vestida com uma saia garrida cor de esmeralda e xaile a condizer, que parecia absorta em pensamentos, a olhar para a varanda, e ocorreu a Anna que poderia ser a mãe da criança. Era quase como se a mulher olhasse diretamente para ela e, quando se entreolharam, Anna levantou a mão para a alertar da criança. Nesse instante, a mulher baixou os olhos e avançou para puxar a criança fugidia de volta à segurança da multidão.

Enquanto contemplava as hordas que fluíam mais abaixo, Anna sentiu-se aliviada por estar longe daquele misto complexo de velhas desdentadas, de cabeça e cara cobertas, de mendigos solitários com mantas puídas, dos vários comerciantes e sua prole, além dos residentes locais, embrulhados em xailes. Pareciam todos guinchar uns para os outros. Os gatos rondavam na rua, cabeças erguidas a ver os pombos a juntarem-se nos ramos das árvores, os homens de meia-idade observavam com ar importante e, de quando em vez, miravam as chamadas dançarinas, e, em ruído de fundo, as vozes das crianças a cantarem deixavam Anna um pouco mais animada.

Tinha bem noção do passado que imbuía cada centímetro da histórica praça, que se infiltrava nos esqueletos dos edifícios. Toda a gente sabia que fora ali que o cortejo dos imperadores se realizara, onde os príncipes mongóis se haviam exibido em cavalos dançarinos, onde os Britânicos tinham chegado com planos de construir uma poderosa e nova Deli imperial. Desde a chegada do rei a Deli, no ano anterior, a paz triunfara, sem assassínios políticos desde então; logo, não se considerara necessário tomar medidas de precaução policial nesse dia.

Ouviu o estrondo dos canhões a assinalar a chegada iminente do vice-rei. Soaram outra vez e ouviu-se a multidão. Nesse instante

assomaram pessoas em todas as janelas e varandas, as cabeças voltadas para os estrondos repetidos. Anna sentiu algo inusitado, quase uma premonição, como pensaria depois de acontecer, mas limitou-se a abanar a cabeça. Tornou a ver as horas, e depois avistou o maior elefante que jamais vira, com uma esplêndida *howdah* — uma liteira prateada e aberta de onde o lorde Hardinge e a esposa contemplavam a cena. O elefante cinzento-azulado estava adornado com a exuberância nativa, pintado em motivos coloridos e coberto com veludos e dourados. O cortejo já passara os Jardins da Rainha, onde não tinham autorizado público; agora, a entrar em Chandni Chowk, o ruído da multidão atingia um crescendo.

— Ainda não vejo o papá — Eliza tentou fazer-se ouvir. — Mas vem lá, não vem?

— Credo, que és mesmo a criança mais impaciente que já se viu!

Eliza olhou para a rua, onde dezenas de crianças tentavam avançar. Ergueu as sobrancelhas.

— Não me parece. Olha para elas, e os pais nem sequer vêm no cortejo.

Debruçou-se o mais que se atrevia, a fazer força no corrimão e aos pulinhos; quando avistou a longa fila de elefantes, quase não cabia em si de contente.

— Tem cuidado — alertou a mãe. — Se continuares a saltar assim, ainda cais.

Atrás do vice-rei vinham dois funcionários seleccionados minuciosamente, em seguida, os príncipes de Rajputana e os chefes do Punjab, em elefantes ainda mais adornados. Rodeados pelas suas tropas nativas, com espadas e lanças e a armadura cerimonial do costume, eram seguidos pelo resto do governo britânico, em elefantes mais modestos. Eliza já conhecia aquela ordem de cor. O pai explicara cada momento do dia e ela insistira que ele parasse e lhe acenasse, quando o elefante chegasse perto da varanda. O vento amainara agora, o sol aparecera, e a manhã acabara por ficar perfeita. Chegara finalmente o momento.

Anna tornou a olhar para o relógio. 11h45. Do outro lado da rua, a mulher trajada de verde-esmeralda tinha a criança ao colo, para que pudesse ver o cortejo. *Assim está melhor*, pensou Anna.

Ouviram-se vivas dos britânicos, clamores de *Hurra!* e *Deus salve o Rei!* Quando o lorde Hardinge retribuiu a saudação, Eliza avistou o pai. Acenou animadamente e, quando o elefante do vice-rei deu mais uns passos, o animal de David Fraser foi obrigado a parar, para ele fazer a vontade à filha. Olhou para a varanda para retribuir o aceno, e uma explosão súbita, como o atroar de um canhão, silenciou de imediato a multidão. Os edifícios pareciam abanar e o cortejo estacou de imediato. Anna e Eliza, chocadas, olhavam para as partículas que voavam à sua volta e para o fumo branco. Eliza sentia que tinha levado um murro no peito, esfregou os olhos lacrimejantes e afastou-se do corrimão. Não conseguia ver o que acontecera mas, conforme o ar tremia e o fumo se dissipava um pouco, apercebeu-se de que a mãe estava boquiaberta.

— Mamã, o que foi? — gritou Eliza. — O que se passa? — Não obtendo qualquer resposta, voltou a insistir: — Mamã, o que se passa?

Parecia que a mãe não ouvia. Eliza só sabia que alguma coisa voara pelos ares e agora não sabia o que fazer. Olhou, confusa, para a multidão aturdida. Porque é que a mãe não respondia? Puxou a manga de Anna e viu que a mãe tinha os nós dos dedos brancos com a força com que agarrava o corrimão.

Lá em baixo, a multidão avançara e, no meio do pó, Eliza viu militares a correrem para o vice-rei. Custava respirar com o cheiro terrível a metal queimado e algo químico. Tossiu e puxou a manga da mãe outra vez.

— Mamã! — guinchou Eliza.

Mas a sua mãe estava paralisada — limitava-se a fitar a cena; os olhos, muito abertos, as faces, muito pálidas.

Num estranho estado de animação suspensa, Anna só parecia ciente de que a mulher de verde, do outro lado da rua, tinha perdido os sentidos. Eliza também viu, mas não sabia porque é que a mãe apontava para a mulher. Só sabia da horrível sensação no estômago que lhe dava vontade de chorar.

— O papá está bem, não está, mamã?

Finalmente, Anna reparou nela.

— Não sei, querida.

Embora parecesse que Anna só tinha olhos para a mulher do outro lado da rua, Anna vira o marido oscilar na liteira e cair para a frente. Por momentos, parecia que se endireitava e até sorria para Eliza, mas tornou a tombar para a frente, e não se voltou a mexer. O criado que segurava no chapéu de sol do vice-rei também tombara para o lado, e agora pendia emaranhado nas cordas da *howdah*.

Entretanto, Eliza só pensava numa coisa, no seu pai. Ele estava bem. Ele tinha de estar bem. De súbito, soube o que fazer, desistiu da mãe, girou nos calcanhares, desceu a escada e saiu para a rua; chocou com um rapaz indiano, pouco mais velho do que ela. Sem conseguir falar, olhou para o rapaz, completamente incrédula.

— O meu papá — sussurrou. O rapaz pegou-lhe na mão.

— Vem-te embora. Não há nada que possas fazer.

Mas Eliza tinha de ver o pai. Afastou o rapaz e abriu caminho pela multidão. Quando chegou à frente, ficou paralisada. O elefante estava tão aterrado que recusava ajoelhar-se e Eliza, completamente desanimada, ficou a ver outro funcionário inglês pôr um escadote em cima de um caixote da loja mais próxima, a fim de tirarem de lá o pai dela. A seguir, deitaram-no no passeio. Ao princípio, parecia não ter ferimentos no corpo, embora o rosto estivesse translúcido como gelo, e os olhos arregalados de choque. Eliza tropeçou e quase caiu quando correu para se ajoelhar ao seu lado. Contemplou-o, horrorizada, e depois lançou os braços à sua volta, o vestido a ensopar o sangue que agora saía da pessoa que ela amava mais do que qualquer outra.

— Coitado, nem teve hipótese — comentou alguém. — Pregos, parafusos, agulhas de grafonola, vidro. Os sacanas aproveitaram tudo o que encontraram para fazer a bomba. Alguma coisa o atingiu mesmo no peito. Quase por acaso, parece-me. Mas nem que tenhamos de deitar abaixo Chandni Chowk, havemos de apanhar o grupo de alegados libertários que fez isto.

Eliza continuou abraçada ao pai e, com a boca no ouvido dele, sussurrou:

— Amo-te, papá.

Depois disso, passara a vida toda a dizer a si mesma que ele a ouvira antes de partir.

Nisso, entre o burburinho crescente da multidão, o rapaz indiano falou com brandura.

— Por favor, menina, eu ajudo-a a levantar-se. Ele partiu.

Quando Eliza olhou para o rapaz, já nada lhe fazia sentido.

Primeira Parte

«Longínqua de nós, no sonho e no tempo,
a Índia pertence ao Oriente antigo da nossa alma.»

André Malraux, *Antimemórias*, 1967



Estado principesco de Juraipore, Rajputana, Império Indiano

Novembro de 1930

Por um breve momento, Eliza vislumbrou a fachada do castelo. Chocou-a, a maneira como resplandecia — uma miragem conjurada pela névoa do deserto, sobrenatural e algo assustadora. O vento vacilou, aumentou outra vez e, por um instante, ela fechou os olhos para não ver aquela extensão de areia trémula. Por mais longe de casa que estivesse, e sem a menor ideia de como as coisas correriam, não havia como voltar atrás, e sentiu o medo na boca do estômago. Aos 29 anos, aquele seria o trabalho mais importante desde que se estabelecera como fotógrafa profissional, embora ainda não fosse clara a razão por que Clifford Salter a escolhera. Todavia, explicara que ela poderia ser mais adequada para fotografar as mulheres do castelo, pois muitas receavam forasteiros, especialmente homens. O vice-rei pedira especificamente uma fotógrafa inglesa, para não haver lealdades em conflito. Receberia mensalmente, e um pagamento final quando concluísse o trabalho.

Abriu os olhos ao ar denso da luminosidade da areia e do pó, o castelo outra vez escondido; acima dela, o céu azul, de um calor inclemente. A escolta que a levava para a cidade virou-se para trás, disse-lhe que não se demorasse. Ela curvou a cabeça para se proteger do ardor e voltou à liteira puxada por camelos, com a máquina fotográfica bem agarrada ao peito. Era imperioso não deixar que a areia lhe estragasse aquela carga preciosa.

Mais perto do destino, ergueu os olhos e deparou-se com uma fortaleza que se espriava no cume de uma montanha como num

sonho. Via-se uma centena de pássaros a voar no horizonte lilás, fios de nuvens cor-de-rosa a deixarem padrões delicados muito acima deles. Quase entorpecida pelo calor, tentou não cair naquele sortilégio; estava ali para trabalhar. Porém, se não era o vento a chamar o passado longínquo quando se curvava contra ele, as suas lembranças mais recentes tratavam disso.

Quando Anna Fraser contactara Clifford Salter, o afilhado rico do marido, ela pensara que, com os contactos dele, poderia arranjar emprego à filha, no escritório de um advogado em Cirencester, ou algo assim. A esperança era que isso impedisse a filha de singrar na fotografia. Afinal, costumava ela dizer, quem quer uma mulher fotógrafa? Mas alguém a quis — Clifford, o qual a declarara perfeita para o seu objetivo. Anna não podia objetar. Afinal, ele era representante da Coroa inglesa, só respondia perante o Diretor Político de Rajputana, ou AGG, o qual governava indiretamente todos os 22 estados principescos. Ele, os residentes, e todos os funcionários públicos dos estados mais pequenos, pertenciam ao departamento político diretamente às ordens do vice-rei.

Por conseguinte, agora Eliza tinha pela frente um ano dentro de um castelo onde não conhecia ninguém. A encomenda consistia em fotografar a vida no estado principesco, para um novo arquivo a assinalar a efeméride: a sede do Governo Britânico mudava-se finalmente de Calcutá para Deli. A construção de Nova Deli demorara muito mais do que o esperado, e a guerra tinha atrasado tudo, mas finalmente chegara a altura.

Ela ouvira as advertências da mãe quanto ao sofrimento do povo, e pôde confirmá-lo fora das enormes muralhas do castelo — viu crianças pobres a brincar na terra e no pó. Reparou numa mendiga, sentada com as pernas cruzadas perto de uma vaca adormecida, a mirar em frente com olhos vazios. Ao seu lado, os andaimes de bambu encostados a uma muralha abanavam perigosamente, e duas tábuas começavam a soltar-se mesmo por cima de uma criança nua agachada mais abaixo.

— Alto! — ordenou ela, e a liteira parou; ela saiu, mesmo quando uma das tábuas começava a desprender-se. Com o coração descompassado, aproximou-se da criança e afastou-a do perigo. A madeira

tombou no chão e partiu-se em vários bocados. A criança fugiu, e o condutor da liteira encolheu os ombros. *Não iam fazer nada?*, interrogou-se ela quando a caravana subiu a rampa.

Minutos depois, o condutor lançava-se numa discussão com os guardas no exterior da fortaleza. Não percebiam, embora ele lhes mostrasse os documentos. Eliza contemplou aquela frente imponente, o enorme portão da entrada, com largura para passar um exército; camelos, cavalos, carroças também. Até lhe constara que o regente tinha vários automóveis. Entretanto, o veículo em que ela viajara tinha-se avariado, e a continuação da viagem num camelo deixara Eliza exausta, cheia de sede e coberta de pó. Até o sentia nos olhos doridos, no prurido do couro cabeludo. Coçava-se, mesmo sabendo que isso só piorava a situação.

Por fim, apareceu uma mulher ao portão, com um lenço comprido e leve a cobrir-lhe o rosto, deixando ver unicamente os olhos escuros.

— Nome?

Eliza disse-lhe quem era e escudou os olhos do sol escaldante.

— Sigam.

A mulher fez um aceno de cabeça aos guardas, que pareciam contrariados, mas deixaram-nos passar. Há dezoito anos que Eliza e a mãe tinham saído da Índia e voltado a Inglaterra. Dezoito anos de possibilidades sempre decrescentes para Anna Fraser. Ora, Eliza decidira ser livre. Parecia-lhe um renascimento, como que transportada de volta ali por mão oculta, embora não houvesse nada de oculto em Clifford Salter, claro. Poderia ser mais atraente sem dúvida, mas seria difícil encontrar um homem mais comum. Cabelo louro a rarear e olhos azul-pálidos, míopes, só reforçavam a impressão de marasmo, mas ela estava em dívida para com ele, por lhe arranjar emprego na terra dos Rajputes, clãs de nobres guerreiros naquele cacho de estados principescos na região desértica do Império Indiano.

Antes de avançar por um conjunto de arcadas gloriosas, Eliza esmerou-se a sacudir o pó. Um eunuco levou-a por um labirinto de salas e corredores revestidos a mosaico até chegarem a um pequeno vestíbulo. Já ouvira falar daqueles homens castrados com trajes femininos, e ficou arrepiada. Havia mulheres a guardar o vestíbulo,

e miraram Eliza com má cara, a impedir-lhe acesso pelas amplas portas de sândalo incrustadas de marfim. Quando, após explicações do eunuco, a deixaram entrar, ficou sozinha, à espera. Contemplou a sala, completamente pintada de azul-cerúleo com motivos dourados. Flores, folhas, rolos de filigrana, erguiam-se pelas paredes e atravessavam o teto; até o chão de pedra tinha tapetes azuis a condizer. Embora fosse uma cor viva, o efeito geral era de uma beleza delicada. Assim embrulhada em azul, ela quase se sentia parte do céu.

Contavam que anunciasse a sua chegada de algum modo? Que desse uma tossidela educada? Que chamasse? Limpou as mãos suadas às calças, pousou a mochila com o pesado equipamento fotográfico; após um momento de incerteza, pegou-lhe outra vez. O cabelo emaranhava-se na nuca, as calças de caqui e a blusa branca engomada — mas agora amarrotada — só ampliavam o quanto se sentia deslocada. Nunca se integraria, com tantos motivos e padrões ornamentados. Passara quase toda a vida a fazer de conta que se integrava, a falar de coisas que não importavam, a fingir interesse em pessoas de quem não gostava. Esforçara-se tanto por ser como as outras raparigas, e depois as outras mulheres, mas a sensação de estranheza perseguira-a até no casamento com Oliver.

Numa sala cor de laranja resplandecente, para lá do vestíbulo azul, entravam serpentinas de Sol por uma janelinha retangular, e alumia-vam as traças do pó que por ali esvoaçavam. Mais ao fundo, conseguia ver um canto de outra sala; essa era de um vermelho profundo, e começavam lá as paredes esculpidas da *zenana* propriamente dita. Clifford explicara que esses aposentos femininos — chamara-lhes haréns — estavam eivados de mistério e intriga; lugares de conspirações, mexericos e erotismo desbragado, dizia, todas as mulheres treinadas nas «16 artes de ser mulher». «Abundantes em cópulas múltiplas e degeneração moral», dissera ele, a piscar o olho, até com os sacerdotes, ou talvez especialmente com os sacerdotes, embora os oficiais britânicos seus antecessores tivessem trabalhado para erradicar as práticas sexuais mais tenebrosas da *zenana*.

Eliza ficara a pensar nessas 16 artes. Se as dominasse, talvez o casamento tivesse triunfado, mas, ao lembrar-se da vida solitária que tivera com Oliver, resfolegou só de pensar.

Emanava da sala vermelha um perfume oriental opressivo — com vestígios de canela, e talvez gengibre, e também algo inebriantemente doce, confirmando tudo o que ela ouvira sobre a *zenana*. Sentiu-se encurralada e ansiou por avançar para a janela, correr a cortina branca e inundar-se de ar fresco.

Os braços já lhe doíam, e curvou-se para pousar a bagagem pesada no tapete, mas dessa feita encostada à parede, onde um candeeiro em forma de pavão repousava em cima de uma coluna de mármore. Eliza ouviu tossir, endireitou-se logo e alisou as madeixas de cabelo que lhe fugiam dos ganchos cuidadosamente colocados. O cabelo comprido e espesso, com tendência para encrespar, era uma batalha vitalícia a controlar. Engoliu um assomo de ansiedade ao ver um homem muito alto, a silhueta recortada diante da janela.

— É inglesa? — perguntou o homem, e ela olhou para ele, perplexa pelo inglês impecável.

Ele avançou e a luz incidiu-lhe na cara. Era indiano e parecia muitíssimo robusto. A roupa estava coberta de poeira vermelha e alaranjada, e tinha uma ave grande e embuçada no cotovelo direito.

— Pode estar aqui? — perguntou ela. — Esta não é a entrada para a *zenana*? — Fitou os olhos cor de âmbar intenso, emoldurados por pestanas escuríssimas, e perguntou-se porque não usaria turbante. Não usavam todos os homens de Rajputana? A pele escura reluzia e o cabelo castanho lustroso estava afastado da cara numa onda solta. — Creio que deve procurar a entrada dos mercados — acrescentou ela, desejosa de que ele se fosse embora, e achando que se tratava de um mercador qualquer, embora parecesse cigano ou trovador ambulante. Sentiu um fio de suor escorrer-lhe das axilas; agora já não eram só as mãos que estavam pegajosas.

Nesse momento, entrou uma indiana mais velha na sala, com o traje típico: a saia comprida a que chamavam *ghagra*, uma blusa bonita e um lenço esvoaçante, *dupatta*, que acompanhava os movimentos da mulher, em cores contrastantes, vermelho-escuro, esmeralda e escarlate, entretecidas com fio de ouro. Mas a combinação era belíssima. Em seu redor, uma nuvem de sândalo, junto com um ar de calma silenciosa e, quando puxou uma corda atrás da coluna

de mármore, o candeeiro-pavão acendeu-se e derramou luzes azuis e verdes nas mãos dela. Deu uns passos para Eliza, fez uma pequena vénia com as mãos juntas, os dedos para cima, com imensos anéis incrustados, e as unhas pintadas de prateado.

— *Namaskar*, o meu nome é Laxmi. É a fotógrafa, menina...

— Sou... Sou Eliza Fraser. — Curvou a cabeça, sem saber se devia fazer uma vénia. Afinal, a mulher tinha sido marani, rainha, e era mãe do regente de Juraipore. Clifford contara-lhe que a beleza e inteligência dela eram lendárias e que, junto com o falecido marido, o marajá, fora responsável pela modernização de muitos dos costumes do estado. Tinha o cabelo entrançado e enrolado na nuca, o pescoço longo e elegante, as maçãs do rosto salientes, os olhos escuros e cintilantes. Eliza viu que a reputação da beleza da mulher tinha razão de ser, mas desejou ter pedido a Clifford que lhe explicasse melhor o protocolo. Ele só dissera para ter cuidado com as traças e formigas-brancas. As traças comiam a roupa, as formigas, a mobília.

Laxmi virou-se para o homem.

— Hum... Vejo que tornou a trazer para cá esse pássaro.

Com um encolher de ombros a demonstrar familiaridade, o homem ergueu as sobrancelhas. Eliza viu que eram escuras e grossas.

— Refere-se ao *Godfrey* — disse ele.

— Mas que nome para um falcão — comentou a mulher.

O homem riu e piscou o olho a Eliza.

— O meu professor de Clássicas em Eton chamava-se Godfrey, era boa pessoa.

— Eton? — repetiu Eliza, admirada.

Laxmi suspirou profundamente.

— Permita-me apresentar o meu segundo filho, e o mais fugidivo, Jayant Singh Rathore.

— Seu filho?

— A menina Fraser só repete o que lhe dizem? — perguntou Laxmi com um olhar sobranceiro, mas sorriu. — Está nervosa, é compreensível. Mas agrada-me que esteja cá para fotografar as nossas vidas. Para um novo arquivo em Deli, ao que consta.

À menção do seu trabalho, Eliza animou-se e começou a falar com intensidade.

— Sim, o Clifford Salter pretende imagens informais que mostrem como a vida realmente é. Há tanta gente fascinada pela Índia. Espero publicar fotografias nas melhores revistas... a *Photographic Times* ou o *Photographic Journal*. Seria perfeito.

— Compreendo.

— Um roteiro completo da vida num estado principesco ao longo de um ano. Estou contente com a perspectiva. Agradeço o convite. Prometo não estorvar, mas há tanto que quero ver, e a luz é incrível. Trata-se de luz e sombra, sabe, o *chiaroscuro*, e espero conseguir...

— Sim, sim, com certeza. Quanto ao meu filho, a menina verá que, depois de tirar o pó do deserto da roupa, já não parece tão ameaçador como agora. — Ela riu. — Pode dizer: pensou que ele era cigano, não pensou?

Eliza sentiu o rubor subir-lhe pelo pescoço, pela própria aparência poeirenta e, embora não estivessem na estação mais quente, sentiu-se encalorada.

— Não se aflija, quando ele passa dias a fio no deserto, toda a gente pensa isso. — Ela fungou. — Tem 30 anos, é viciado no perigo e prefere a selva a nós, gente civilizada. Não admira nada que ainda não esteja casado.

— Minha mãe — disse ele, e Eliza percebeu a advertência na voz. A seguir, ele foi correr a cortina e encostar-se à janela, com um ar de desinteresse indolente.

A frustração de Laxmi com o filho era visível no modo como o queixo lhe tremia, mas recompôs-se logo e virou-se para Eliza.

— Ora bem, o seu equipamento?

— Tenho parte dele aqui. O resto vem de transporte. — Eliza acenou vagamente na direção onde presumia que estivesse a liteira.

— Vou mandar levá-lo para os seus aposentos. Ficará aqui, onde a podemos ter debaixo de olho.

Subitamente amedrontada, Eliza deve ter mostrado ansiedade, porque a mulher tornou a rir.

— Estou a brincar, minha cara. É livre de ir e vir dentro do castelo como lhe aprouver. Cumprimos os requisitos do residente ao pé da letra.

— Bondade sua.

— Não tem nada que ver com bondade. É do nosso interesse tentar agradar ao governo britânico quando podemos. As relações foram complicadas no passado, admito, mas eu tento que a minha influência incida em certas fações dentro do castelo. Enfim, basta de nós. A menina tem a sua própria câmara escura com acesso a água, como solicitou, e verá que os seus aposentos são confortáveis, com vista para um bonito pátio cheio de palmeiras.

— Obrigada. O Clifford disse-me que tratou de tudo consigo, mas eu esperava... Bem, um espaço só para mim.

— Isso não pode ser. Seja como for, a nossa casa de visitas, na cidade, está em remodelações. Além disso, até podemos ter abdicado da *pardah* aqui, em Juraipore, mas ainda há quem defenda que as mulheres devem andar veladas. Não podemos ter a menina à solta por sua conta e risco.

— Certamente, ficaria bem — disse Eliza, se bem que isso não fosse verdade.

— Não, minha cara. Os Britânicos pensam que conseguiram, sozinhos, trazer as mulheres para a luz, mas, para ser franca, eu só cumpria a *pardah* por obrigação e, depois de a sua mãe falecer, o meu marido atendeu prontamente ao meu pedido para abdicarmos. A submissão e a ignorância das mulheres davam muito jeito à maioria dos homens. Felizmente para mim, o meu marido não foi um deles.

— O que poderei fazer fora das muralhas do castelo?

— Estar sempre acompanhada, claro. O que me traz ao seu primeiro trabalho. Agora que já entrámos no mês de Kartik, o meu filho Jayant teve a amabilidade de se oferecer para acompanhar a menina numa viagem à feira dos camelos de Chandrabhaga. Depois de amanhã. Serão acompanhados por serviçais. Decerto o meu filho gostará de falar inglês, e a menina apreciará a feira. Consta-me que haverá camelos de muitas cores, e muitas caras interessantes para registar. Amanhã, a menina irá a um desafio de polo com o Sr. Salter.

Eliza deixou-se levar pelos nervos. Apetecia-lhe tanto ir ao jogo de polo como à feira dos camelos. Queria instalar-se e orientar-se antes de correr para qualquer lado, muito menos acompanhada daquele príncipe, se o fosse realmente. Tentou sorrir, mas a boca apertou-se-lhe.

— Esperava ver mais do castelo, primeiro — disse, e reparou que o príncipe a olhava com uma expressão curiosa, ainda de falcão no braço.

— Minha mãe, creio que finalmente encontrou oponente à altura — comentou.

Enquanto ele falava, Eliza percebeu que o tom dele mudara. Estaria a provocá-la? Ou a provocar a mãe?

Laxmi fez um som de descaso, e Eliza teve a impressão de que ela achava que ter um oponente à altura seria altamente improvável.

— Há bastante tempo para ver o castelo. Não se deve perder a feira, pois a menina assim verá algo do campo e também irá conhecer a Indira. Vou mandar a criada Kiri mostrar-lhe os aposentos.

— Mãe, deixou a Indira ir à frente? Só pode dar sarilho.

— Mande um homem de confiança e uma aia com ela. Seja como for, a rapariga percebe de camelos.

O sol devia ter-se movido, pois agora havia longos raios de luz a incidir no chão. Laxmi mostrara-se aberta e amistosa, mas Eliza sentiu que não a deveria contrariar. Quando saiu da sala, como uma rainha, o homem fez uma vénia formal. Agora era a vez de Eliza o observar; reparou no rosto forte, maçãs definidas, como as da mãe, embora mais masculinas, uma testa alta, os olhos bem separados e ambarinos, e um bigode. Quando ele a olhou com ar sério, ela desviou o olhar.

— Nós não a convidámos — disse ele, calmíssimo. — Nós acatámos uma ordem para lhe dar acesso ao castelo e acompanhá-la a outros locais. Os Britânicos dão muitas ordens assim.

— Ordens do Clifford Salter?

— Sim.

— E acatam sempre as suas ordens?

— Eu ... — Calou-se, mudou de assunto, mas ela teve a impressão de que queria dizer mais. — A minha mãe quer um camelo cor de chocolate.

— Há camelos cor de chocolate?

— Principalmente em Chandrabhaga. Vai gostar. Poucos britânicos lá vão. Vai integrar-se bem, com o seu cabelo cor de camelo.

Ele sorriu, mas ela enrijeceu e passou a mão pelo cabelo.

— Prefiro pensar que é cor de mel.

— Bem, estamos em Rajputana.

— E a Indira... Posso perguntar quem é?

— Boa pergunta ... Só tem 19 anos mas já manda. Verá que a Indira é muito fotogénica.

— Sua irmã?

Ele virou-se para a janela.

— Não somos parentes. Ela é uma retratista de talento. Uma artista. Vive aqui sob a proteção da minha mãe.

Eliza ouviu vozes de crianças, a rirem e a guincharem além da janela.

— São as minhas sobrinhas — disse ele, e acenou-lhes antes de voltar a Eliza. — Três delas, mas não tenho sobrinhos, para vergonha eterna do meu irmão.

Uma mulher jovem entrou silenciosamente na sala e fez sinal para Eliza a seguir. Eliza pegou no equipamento, aborrecida. Como podia dizer tal coisa à frente dela? Pensaria mesmo que ter apenas filhas era vergonhoso?

— Deixe. Alguém lho levará.

— Posso ser apenas uma mulher, mas prefiro ser eu a levá-lo.

Ele inclinou a cabeça.

— Como lhe aprouver. Esteja pronta às 6 horas, depois de amanhã. Não é demasiado cedo para si?

— É claro que não.

Ele parecia analisá-la.

— Tem roupas de mulher?

— Se se refere a vestidos, sim, tenho. Mas, quando estou a trabalhar, prefiro calças.

— Bem, vou gostar de a conhecer, menina Fraser.

O sorriso indulgente irritou-a mais do que deveria. Quem era aquele homem arrogante, a julgá-la? Ocioso, mimado, sem objetivos, indubitavelmente, como todos os indianos da realeza. Quanto mais pensava nisso, mais irritada ficava.



Eliza acordou cedo no dia seguinte. As cortinas eram fininhas e o Sol já brilhava tanto que teve de escudar os olhos quando saltou da cama e foi à janela. Tinha a estranha sensação de que, apesar dos anos de permeio, ainda havia algo daquele país oriental a correr-lhe nas veias. Bastava o aroma da terra para conjurar lembranças distantes, e acordara muitas vezes, nessa noite, a sentir que algo a chamava. O ar trazia a fragrância das areias do deserto e ela inalou a manhã fresca, sentindo-se revigorada e nervosa.

A vista para o pátio era a prometida e ela sorriu ao ver os macacos saltarem de árvore em árvore, brincarem nos maiores baloiços que já vira. Porque o castelo — apenas uma parte da fortaleza gigantesca — ficava alcandorado na colina de arenito escarpada, erguia-se muito acima da cidade dourada, o panorama além dos telhados planos deslumbrava-a, e Eliza abraçou-se, encantada. Pequenas casas cúbicas, aconchegadas perto das muralhas da fortaleza, brilhavam num tom ocre polido, mas as casas mais distantes esbatiam-se gradualmente em prateado no horizonte, onde a cidade dava lugar ao deserto. Era uma caixa de aguarelas de criança, cada tom sublime de ouro e madressilva sob o Sol. Por entre as casas, havia árvores poeirentas a esticarem-se para a luz e, acima da cidade inteira, grandes nuvens de pássaros desciam em voo picado.

Agora estava fresco, mas Eliza desconfiava que, à tarde, a temperatura chegaria aos 20 graus, se não mais, e sem sinais de chuva. Ficou a pensar no que vestir para um jogo de polo, e decidiu-se por uma blusa de manga comprida e uma saia de tecido de gabardina. Durante semanas, o que levar para a Índia fora uma das suas preocupações, antes de começar a longa travessia de navio. A mãe não ajudara em nada, parecia só se lembrar dos vestidos de noite que usava quando estivera na Índia, antes de o marido, pai de Eliza, ser assassinado. Eliza lembrava-se mal desses tempos, mas continuava a sentir um nó na garganta quando pensava nele.

A vida não tinha sido fácil, e depois de o marido, Oliver, morrer, Eliza voltara para casa, onde Anna escondia garrafas de gin, geralmente debaixo da cama ou do lava-louça. Anna rejeitava persistentemente esse comportamento e, por vezes, nem se lembrava dos episódios de embriaguez. Por fim, Eliza perdera a esperança. O facto

de conhecerem Clifford Salter tinha sido uma reviravolta do destino e, com a viagem à Índia, Eliza procurava avançar. Todavia, ali estava, a olhar para trás, e não só por estar a pensar na mãe.

Olhou para o quarto. Era amplo e arejado, a cama oculta atrás de um biombo; a um canto, tinham montado uma saleta, com uma poltrona ampla e sofá com aspeto confortável. Por trás havia uma arcada para uma pequena sala de jantar. Nem sinal de traças ou formigas. Outra arcada decorativa, na parede oposta à cama de dossel, dava para uma casa de banho luxuosa. A porta para a câmara escura ficava fora do quarto, no corredor imerso na penumbra, e Eliza estava contente por terem confirmado que lhe dariam a chave.

Enquanto estendia a roupa para vestir, deu por si a pensar no dia anterior, quando chegara, e um pôr do Sol intenso deixava o céu avermelhado. Os sinos do templo repicavam e duas raparigas, que passavam de patins, quase a tinham derrubado. Gritaram e riram e pediram desculpa em hindi, e Eliza, contente por ter compreendido o essencial, estava grata à velha *ayah* indiana que lho ensinara. As aulas que tivera recentemente para recordar a língua também tinham ajudado.

Pouco depois, um criado com umas luvas imaculadas e um turbante vermelho levara-lhe tigelas com *dhal*, arroz e fruta, numa bandeja de prata e, depois de desfazer as malas, ela ficou grata por se deitar cedo. Se o ambiente não estivesse extraordinariamente ruidoso, ela teria adormecido logo, cansada da longa viagem desde Inglaterra, o caminho até Deli, e outro dia de viagem até Juraipore. Mas que noite barulhenta. Música, risos, aves a chilrearem, rãs a coaxarem e crianças acordadas até tarde: tudo lhe chegava à janela, junto com os guinchos dos pavões — que mais pareciam gatos a miar — tudo lhe marcara a noite a compasso.

Ficara deitada sem poder fazer nada, naquela noite inebriante em Juraipore: tambores, flautas, fumo no ar; sobretudo, a permanente sensação da vida a ser vivida ao máximo, apesar da pobreza e do mundo agreste do deserto.

Não conseguindo impedir o torvelinho de pensamentos, virara-se para o pai e o marido. Alguma vez se perdoaria pelo que acontecera? Tinha de conseguir, se quisesse aproveitar aquela oportunidade

única na vida, e não iria arriscar-se a voltar para a mãe de cabeça baixa. Custava-lhe a admitir que viera a redescobrir algo dentro de si, algo que perdera no dia em que elas partiram para Inglaterra.

2

O dia estava escaldante e Eliza rapidamente se começou a sentir transpirada e demasiado aperaltada. Era dia para vestidos de verão leves, e não linho pesado, embora Clifford tivesse optado por fato de linho com gravata. Era um evento menos imponente do que ela esperava, mais uma festa de jardim do que outra coisa, mas já havia adeptos dispersos dos dois lados — alguns sentados em cadeiras — e o entusiasmo pairava no ar. Eliza nunca assistira a um jogo de polo, e o recinto, rodeado por árvores e corrimãos de ferro com vista para as colinas mais ao fundo, era idílico.

— Pelo menos aqui está o tempo está seco — disse Clifford. — Ao contrário do que acontece em Inglaterra, onde os campos lamacentos são um problema.

Contou-lhe que a equipa britânica consistia de oficiais do exército do 15.º regimento de Lanceiros, e pareciam ter trazido uma claque bastante ruidosa, muitos deles já meio embriagados. Havia outros militares também, acompanhados da sua criadagem, e também dois jogadores equipados e suplentes, caso tivessem de entrar em jogo.

Eliza esperou ao lado de Clifford e foi observando a pequena multidão. Além do grupo de adeptos britânicos, via-se um homem e uma mulher alta de braço dado. A mulher olhou para ela e sorriu. Clifford reparou e disse a Eliza, em voz baixa, que era Dottie Hopkins, mulher do médico.

— Vai conhecê-los mais tarde — acrescentou. — São boa gente.

A mulher parecia simpática e Eliza ficou a contar que fossem apresentadas. Na outra direção, um grupo grande e ruidoso de adeptos indianos já se reunia, novamente acompanhados por um enxame de criados de libré, e Eliza não conseguia deixar de olhar para eles.

— Embora seja tido como desporto de reis, Anish, o regente, hoje em dia raramente assiste — explicou Clifford. — O príncipe Jayant é o foco das atenções. É um cavaleiro exímio e um excelente jogador. Se participar hoje, temos jogo digno de ver.

— Os jogos são realizados com frequência?

— Os grandes fazem parte de um torneio regular, mas este é um jogo amigável para nosso entretenimento. Jaipore tem a melhor reputação, sabe? Venceu o Campeonato Indiano deste ano, mas Juraipore vem logo atrás.

— Que maravilha.

— E continuamos a querer vencer. Bandeira a adejar e tudo isso.

Pouco depois, chegaram os jogadores, bem equipados e muito compostos ao entrarem em campo. Depois, os orgulhosos moços de estrebaria levaram os pôneis, e o público começou a aplaudir, embora Clifford se apressasse a elucidar que não eram pôneis mas, sim, cavalos adultos.

— É um desporto tremendamente caro. Os pôneis valem muito dinheiro; milhares.

Eliza viu os jogadores montar — pareciam todos incrivelmente possantes — e, quando reparou no príncipe Jayant, ele montava um magnífico cavalo preto. Começou a ouvir-se clamor entre a multidão encantada, seguido de vivas e assobios persistentes dos adeptos indianos.

Clifford chegou-se mais a Eliza.

— Ele atrai sempre público. O seu pônei tem ótimo temperamento. Tem mesmo de se confiar que o animal não fique excitado. Está a ver aqueles dois indivíduos?

Eliza olhou na direção que ele apontava.

— São fiscais. Também temos um árbitro, em caso de desacordo. O polo tem de ter fair play.

Até então, estava a ser divertido, e Eliza gostava de estar ao ar livre, a desfrutar daquela novidade, apesar das reservas iniciais.

Viu as duas equipas perfilarem-se em frente uma da outra, os bastões de polo preparados, e nisso, assim que bateram na bola, o jogo começou. À medida que o jogo se desenrolava, desenvolveu-se uma atmosfera intensa, com nuvens de pó a levantarem-se da terra batida e os cavalos a galoparem a grande velocidade, mas, entre ataques e estocadas, o pônei do príncipe parecia estar a recuar.

— É normal, aquele comportamento? — perguntou ela. Clifford franziu o sobrolho.

— Na verdade, parece demasiado brincalhão.

Ela continuou a olhar para os homens nos pôneis e de repente desviou o olhar para o público indiano e viu dois homens em traje formal, com cimitarras à cintura; os homens avançaram como se esperassem problemas. Ela susteve o fôlego mas, depois disso, não aconteceu mais nada, e o jogo continuou. Eliza estava fascinada, mal ouvia Clifford explicar as regras do polo e a terminologia específica.

Só minutos depois se percebeu de que havia algo de muito errado com o cavalo do príncipe.

— Meu Deus! — exclamou Clifford quando o animal começou a trotar para a frente e para trás, de um modo descontrolado e exibicionista, chegando até a corcovear.

Eliza reparou na expressão confusa do príncipe Jayant — denotava aborrecimento mas, sobretudo, perplexidade. Ouviam-se murmúrios entre os britânicos, e os indianos também, e depois berros, quando a sela de Jayant começou a escorregar para um lado e, em segundos, o príncipe se estatelava de costas no chão, o cavalo à desfilada. O resto dos jogadores ficou paralisado e toda a gente viu, horrorizada, dois moços correrem atrás do cavalo em pânico. Eliza susteve o fôlego e agarrou-se ao braço de Clifford quando o animal avançou para o público de adeptos indianos, muitos a gritarem e a mexerem os braços de choque, outros a fugirem. De súbito, ouviu-se um grito estridente e uma mulher tombou contra os corrimãos. O cavalo continuou a escoicear e Eliza ficou petrificada; as pessoas continuavam a sair da frente do cavalo, mas a mulher, caída no chão, não se mexia.

Eliza viu o médico, para quem Clifford apontara antes, correr para a mulher, e agachar-se ao seu lado.

Enquanto os moços finalmente apanhavam e depois sossegavam o cavalo em pânico, chegaram dois homens com uma maca de lona e levaram a mulher, seguidos pelo médico. Entretanto, o príncipe levantava-se e sacudia-se, aparentemente ileso, mas com um ar absolutamente lívido; saiu do campo com o cavalo pela arreata. Os dois homens com cimitarras foram atrás dele e Eliza calculou que fossem guarda-costas.

Como fotógrafa que era, estava treinada para ver pormenores, e reparou num indiano — embora lhe parecesse um moço de estrebaria, estava a esgueirar-se dos estábulos e a contornar o público indiano, até que começou a correr na direção de outro homem. Este era alto, com porte régio. Deu uma palmada nas costas do moço e sorriu amplamente. Eliza achou estranho, visto que o príncipe acabara de sofrer um acidente. Apesar do ambiente tenso, Eliza reparou que dois dos adeptos britânicos galhofavam, a entreolharem-se e a piscarem os olhos.

— Que idiotas! Isto não tem graça nenhuma — disse ela. — Aquela mulher até pode ter morrido.

— Não tardarei a ter notícias do Julian Hopkins — disse Clifford.

Entretanto os britânicos conversavam entre si, imperturbáveis, não pareciam nada chocados, como deveriam estar, e sem dar mostras de querer sair dali. Ora, os adeptos indianos abanavam as cabeças e murmuravam, houve vários a virar costas e a abandonar o recinto.

— Então o jogo tem de parar agora? — perguntou Eliza, embora a única resposta que esperasse fosse «claro».

— Não — contrapôs Clifford. — Olhe, já vem aí um suplente do príncipe Jayant. É permitido, em caso de lesão.

— A sério? Não será falta de desportivismo?

— O espetáculo tem de continuar, Eliza.

Eliza olhou em redor e sentiu a ansiedade que tolhera a multidão começar a diminuir, e a única coisa que lhe restou foi ter esperança de que a tal mulher sobrevivesse.

— Mas isto é esquisito — continuou Clifford. — Deveras esquisito. Nunca vi nada assim. Embora sem o príncipe, espero que ganhemos o dia. Já é alguma coisa. Duvido que ele monte um pônei diferente depois disto tudo.

3

No dia seguinte, Eliza e Jayant Singh deixaram os salões de mármore e saíram para os pátios de arenito cor-de-rosa esculpido, cintilantes à luz pálida da manhã. Seguiram por pavilhões interligados até um local onde sopravam brisas mais frescas em jardins perfumados. Embora Eliza ainda pensasse no jogo de polo, havia algo naquela grandiosidade que a fazia empertigar-se, esticar o pescoço e caminhar com orgulho; quando envolveu a cabeça no lenço, este ficou a esvoaçar. Com este simples gesto feminino, sentiu que entrara momentaneamente no papel bordado de uma rainha indiana.

— Este sítio quase parece feito de madeira de sândalo em vez de arenito — disse quando chegaram a um jardim formal, circundado por um muro onde se pavoneavam os culpados do barulho dessa noite: pavões! Quando um deles levantou voo do muro e chegou ao chão, ela riu. Quem diria que a beleza podia ser assim desajeitada?

— Plantados no século XVIII — disse o príncipe, a indicar roseirais, ciprestes, palmeiras e laranjeiras.

Saíram do castelo por uma rampa que passava por sete arcadas. Ao passar por uma delas, Eliza reparou em cinco filas de mãos esculpidas numa das paredes laterais.

— Feitas com as impressões manuais das *sati* — disse o príncipe, aparentemente de modo desprendido. — A caminho da pira funerária, as mulheres mergulharam as mãos em pó vermelho e

pressionaram-nas nas paredes, para mostrarem a sua devoção. Mais tarde, as impressões foram esculpidas.

Eliza ficou boquiaberta.

— Isso é horrível.

— Nós chamamos à mulher que morre *sati*, e vocês, britânicos, chamam ao ato *suttee*. É ilegal na Índia britânica desde 1829 e aqui, nos estados principescos, depois disso, com interdição em toda a Índia, decretada pela rainha Vitória em 1861. Não obstante...

Ela já sabia do ritual de imolação das viúvas dos príncipes de Rajputana, e das mulheres comuns também, mas sentiu-se indisposta só de pensar nisso. Estariam mesmo convictos de que queimar viúvas era uma maneira honrosa de morrer? Era quase impossível abarcar como as mulheres se teriam sentido.

Ela contemplou as vias arenosas da cidade medieval, apinhadas com artífices de todo o género, e lembrou-se de quando avistara, pela primeira vez, as imensas muralhas com tantos bastiões e torres. Olhou para o forte mais atrás. Erguia-se inexpugnável numa colina rochosa, tinha sido claramente construído na rocha talhada onde estava. Quantas mulheres de dentro daquelas muralhas teriam morrido no fogo?

Entraram para o carro e, após algum tempo, ao deixarem a cidade para trás, Eliza contemplou o deserto, onde o vento levantava as areias escaldantes e engrossava o ar. Quilómetros e quilómetros de planícies onde a estrada serpenteava numa paisagem descorada pelo Sol, algumas acácias e arbustos espinhosos a pontuar intermitentemente manchas de verde luxuriante. Era um local solitário e vazio, e Jayant Singh ia calado, obviamente concentrado na condução por estradas quase indistintas. Eliza não se importava com o silêncio; todavia, um homem que ocupava tanto espaço mental e físico não era fácil de ignorar por completo. Sentia nele uma espécie de barbarismo. Incomodava-a, e sentia-se tensa e confrangida, mas tentou fazer conversa; as respostas taciturnas dele fizeram-na desistir e recostar-se num devaneio, deixando-se envolver por aquele assalto aos sentidos. Quando já entrava numa fantasia de palácios, jardins e macacos saltitantes, e no preciso momento em que o rosto do seu pai ia aparecer-lhe, Jayant começou a falar.

— Alguém mexeu na minha sela — disse e, ao som da sua voz quente e rouca, ela sobressaltou-se. — Eu vi-a ontem no polo. Deve estar a pensar nisso.

— Lamento ter visto o que vi. Como é que sabe? Que mexeram na sela?

— A presilha da correia estava partida. Verifiquei-a no dia anterior, mas cheguei tarde ontem e não pude voltar a verificar. A presilha é a parte mais vulnerável do mecanismo da cilha. Devia ter verificado outra vez.

— E isso fez o cavalo saltar daquela maneira?

— Não, isso deve-se aos espinhos de acácia que um idiota qualquer pôs debaixo da sela.

— Oh, Deus! Refere-se mesmo a sabotagem. — Ela pensou nos dois indianos que pareciam tão duvidosos. — Podia ter morrido.

Ele sorriu.

— Podia ter partido alguma coisa, mas, como vê, estou bem. Todavia, o meu cavalo podia ter morrido. Isso não posso perdoar, e quanto àquela pobre mulher...

— Como é que ela está?

— Creio que tem um traumatismo. Felizmente, podia ter sido pior.

— Isso enfurece-me. É horrível pensar que foi de propósito.

A voz dele soou mais funda.

— Uma infantilidade. O meu cavalo é uma beleza, tem resistência, agilidade e rapidez. É isso que me importa, e sabe Deus o que mais poderia ter acontecido ao público. Dá mau nome ao polo.

— O que pode fazer quanto a isso?

— Apresentei queixa ao Clifford Salter e às autoridades do jogo, mas não temos provas de quem foi. Tenho suspeitas, mas era apenas uma equipa visitante heterogénea, e já partiu.

Eliza não contou o que pensava dos dois indianos que galhofavam. Embora o príncipe parecesse furioso na altura, agora parecia relativamente filosófico.

— Então qual é o seu interesse em nós, menina Fraser?

— Sabe bem qual é. Tenho um trabalho a fazer.

— É estranho que o Sr. Salter tenha escolhido uma desconhecida.

Eliza eriçou-se.

— Não sou completamente desconhecida.

Uns momentos de silêncio, enquanto ela ventava interiormente.

— Esta viagem dura vários dias — continuou ele, interrompendo-lhe o pensamento sem pudor.

— Preferia que me tivesse informado. Só trouxe uma muda de roupa.

— Eu também.

— Não toma banho?

Ele riu alto.

— Se tivesse uma libra por cada vez que um europeu me pergunta isso. Esta noite acampamos, e amanhã também. Portanto, não.

— Não me referia a isso. — Ela tinha a certeza de que ele percebera muito bem, mas não ligara. — Acampamos onde?

— No deserto, mas não se aflija, não estará sozinha, terá uma criada consigo. Ela e outros vêm atrás.

— E as tendas?

— Já está organizado. Seguiram alguns homens à frente para tratar disso. Todos os anos, a feira Chandrabhaga de Jhalawar realiza-se no mês hindu de Kartik. É um estado grandemente inexplorado pelos britânicos, e por isso a minha mãe pensou que a menina Fraser gostaria de estar presente.

— E combustível para o automóvel?

Ele tirou uma mão do volante e indicou o ar livre.

— Aqui e ali, escalas. Está tratado.

— Costumam ir buscar camelos tão longe?

— Muito perspicaz. Não, costumamos ir a Pushkar ou Nagaur.

— Então?

— Negócios a tratar. Durante a feira, os peregrinos reúnem-se nas margens do rio sagrado Chandrabhaga. Também vai ver fortes, palácios, vida selvagem, e um lago tranquilo onde temos um palácio de verão que um primo nos deixou. Acabaremos por lá pernoitar. Também pode querer visitar a antiga cidade dos sinos.

— Não sou turista, quero fotografar pessoas — disse ela, irritada. — Seja como for, foi o que o vice-rei encomendou. Não são

fotos amadoras. Vamos criar arquivos em Nova Deli. O Clifford diz que se trata de comparar a vida nos estados principescos com a vida na Índia britânica.

— Em nosso detrimento, sem dúvida.

Ela eriçou-se outra vez.

— De modo algum. Seja como for, tenho esperança de montar uma pequena exposição minha, se encontrar patrocínio.

— Bem, tenha cuidado. O Chatur julgá-la-á certamente uma espia. — Ele riu. — É espia?

Eliza até sentiu arrepios de irritação.

— É claro que não. Seja como for, quem é o Chatur?

— O *dewan*. Ele orienta as coisas.

Ela continuou calada.

— Na feira encontram-se mercadores dos confins de Rajputana, de Madhya Pradesh e Maharashtra. Vai conseguir fotografar pessoas.

— E da Indira?

— Sim, também.

— Quer falar-me dela?

— É melhor ver por si. A propósito, retiro o que disse do seu cabelo. Ao sol, é arruivado ou talvez dourado, e não cor de camelo.

— Mel — murmurou ela, mas sorriu.

Passaram umas povoações em redor dos poços e, de quando em vez, aldeias onde os camponeses tinham sementeiras de milho, lentilhas e painço; quando passaram por rebanhos de cabras, ovelhas e até cáfilas a pastar nas ervas nutritivas, ele tornou a falar.

Apontou para a terra além da janela.

— Onde vê aquelas ervas, *khimp* ou *akaro*, pode ver que no fundo corre água. Por vezes, vastas reservas de água. Mas pode estar a quase cem metros de profundidade.

— A perfuração deve ser dispendiosa.

Ele assentiu.

— Certas mulheres andam quilómetros todos os dias até aos grandes tanques e açudes. A água interessa-me. Dependemos das monções para encher os açudes e, este ano, pouco choveu; no ano passado, também. A vida pode ser difícil. Não se pode conquistar o deserto, só se pode protegê-lo o melhor possível.

— Preciso de água para revelar fotografias.

— Isso é que pode muito bem ser a sua desgraça.

Nessa noite, Eliza e o príncipe sentaram-se à fogueira com homens de porte circunspeto e turbantes garridos. O ar estava fresco e suave, uma brisa ligeira trazia os aromas de areia e pó que se fundiam com as especiarias da panela suspensa ao lume. Admirada por ser prontamente aceite por eles, apercebeu-se de que tal se devia unicamente a Jayant. Ele ofereceu-lhe um grande copo de leite, e ela reparou que a pele lhe brilhava como âmbar à luz trémula da fogueira.

— Leite de camela — disse ele. — Altamente nutritivo, mas tem de se beber logo, porque azeda rapidamente. Nunca conseguem fazer queijo.

Ela bebericou o leite e concordou que era bom.

— Mas não beba *asha*, dê lá por onde der.

— O que é isso?

Ele riu-se.

— Uma potente bebida fermentada. Vai deitá-la por terra. Falo por experiência própria.

Um dos homens tocava uma espécie de tambor, outro fazia tinir docemente sinos de oração e, com o fumo a elevar-se no ar, Eliza sentiu-se inebriada pela intemporalidade da cena. A criada sentada ao seu lado iria dormir na sua tenda, pelo que, embora Eliza estivesse algo nervosa assim no deserto com tantos homens, não se sentia propriamente ameaçada.



No dia seguinte, após uma noite surpreendentemente fresca a dormir numa das duas *charpoys*, camas tecidas tradicionais, Eliza acordou para uma aurora prateada e ao som de vozes. Espreguiçou-se, queria desfrutar do momento, mas o aroma a comida era irresistível e, dado estar esfomeada, e a rapariga já levantada, vestiu-se sem pensar em higiene e saiu da tenda. Naqueles poucos instantes, a luz mudara. Deparou-se com uma manhã de extraordinária beleza, o céu de um cor-de-rosa profundo no horizonte, a esfumar-se em

pêssego-pálido, sem uma nuvem à vista. A luz delicada lançava uma radiância suave na terra plana que parecia estender-se por quilômetros, dando a Eliza uma sensação de espaço infinito. Reparou no que pensou ser o abrigo temporário de um pastor, feito de estacas, apenas com um oleado a fazer sombra. Dezenas de cabras em redor, a pastar nos parques arbustos; embora a vida nómada tivesse decerto compensações, Eliza achou-a muito solitária também.

Foi uma agradável surpresa deparar com um sorridente príncipe Jayant, os ângulos orgulhosos do rosto agora mais suavizados. Estendeu uma mão a indicar onde iriam comer. Porém, não era apenas o rosto dele, pois tudo nele parecia mudado, e ela apercebeu-se de que aquela pessoa descontraída era um homem nascido para o ar livre. Vestia calças escuras de estilo europeu e uma camisa larga verde-escura, aberta no colarinho. Mais tarde, Eliza perguntar-lhe-ia se o podia fotografar.

Durante uma refeição saciante de *dhal* e arroz, cozinhados na fogueira por um dos homens, ele riu e galhofou com os outros, não fez cerimónias, era óbvio que gostavam dele. Eliza reparou nas rugas de expressão nos seus olhos, e achou que a barba por fazer o fazia parecer mais acessível.

— Costuma acampar? — perguntou ela.

— Com a frequência possível. É a minha evasão, compreende?

— Tem de se evadir?

— Não temos todos?

Ela percebeu quão verdadeiro isso era, mas também notou quão diferente ele estava.

— O príncipe não faz cerimónia, como pensei que faria, mas também não é um príncipe comum, pois não?

Ele inclinou a cabeça.

— Talvez não, mas nunca se esquece propriamente as nossas origens.

— Infelizmente, está certo.

— Creio que a menina Fraser deveria ver Udaipore no início da época das chuvas. Será o melhor lugar para ver as nuvens escuras a chegar. É a cidade dos lagos.

— Já ouvi falar.

— Talvez a acompanhe lá, para tirar fotografias — disse ele. — É um dos mais belos lugares em Rajputana.

Quando chegaram ao sopé da cordilheira Aravalli, muito arborizada, Eliza paralisou ao ver antílopes em liberdade. Jayant riu-se.

— Não se aflija. Eles não se aproximam. Estão habituados a caravanas de mercadorias e gente a passar, desde tempos de antanho. Fazemos parte das antigas rotas de comércio que atravessavam este deserto, trazendo mercadorias de longe. Em troca, vendíamos madeira de sândalo, cobre, camelos e pedras preciosas.

— Quem me dera ter visto essa época.

— Eram tempos perigosos, com os estados constantemente em guerra. A vida pode ser muito agreste aqui.

Nesse momento, Eliza reparou num bando de abutres num maço rochoso. Ele sorriu.

— Vê ao que me refiro? Na época, não teria hipótese, se ficasse doente.

— Caramba... Talvez tenha sorte por estar aqui agora.

— Não tenho dúvidas, mas veja só a beleza da paisagem. Estas colinas prolongam-se por quilómetros. A vegetação é principalmente composta por espinheiros tropicais, espécies mistas caducas e teca seca, mas preocupa-me a desflorestação futura.

— É provável?

— Já está a acontecer.

Foram conversando sobre a vida em Rajputana e o príncipe parecia bastante à vontade. Era evidente que adorava a terra onde nascera — mau grado a educação inglesa, era óbvio que aquele era o seu lugar. A tensão inicial que ela sentira, quando partiram no dia anterior, dissipara-se por completo e, no final do segundo dia com ele, Eliza sentia-se relativamente satisfeita.



No último dia de viagem, já perto da feira, passaram por um homem com um enorme bigode e um olhar assombrado. Levava pela arreata um camelo com uma mulher montada num silhão, o lenço vermelho a esvoaçar, mas cobrindo-lhe a cabeça e o rosto,

e com pulseiras que tilintavam nos tornozelos. Ao seu lado, seguia uma criança de cabelo preto espetado. As cores garridas das roupas contrastavam com o azul incrível do céu.

— Pode parar? — pediu ela. — Tenho de tirar uma fotografia. — Embora as cores nunca pudessem ser vistas, infelizmente, nas suas fotografias a preto-e-branco.

— Primeiro, peça autorização ao homem — disse Jayant, e travou. — Constatou-me que a menina Fraser sabe falar a língua, só não faço ideia como.

— Vivi em Deli quando era pequena.

— Não, espere — atalhou ele quando Eliza abriu a porta do carro. — É melhor eu perguntar. O dialeto aqui é diferente.

O príncipe Jayant saiu do carro e, após um diálogo com o outro homem, em que ambos sorriam, deu-lhe umas moedas e voltou ao carro.

— Já está. — Foi o único comentário.

Ela tirou a fotografia com a *Rolleiflex*, na esperança de captar o ar assombrado do homem, e depois seguiram; passaram por um lago, inquietaram pássaros brancos enormes com bicos longuíssimos. Quando levantaram voo, como um só, da superfície da água, ela contemplou a enorme envergadura de asas e as belíssimas penas pretas nas extremidades.

— Incrível!

— Pelicanos — disse ele. — Nunca tinha visto?

— Não nos Cotswolds — respondeu, e viu que ele sorria.

— O nível está mais baixo do que devia — afirmou ele a observar a água.

Quando chegaram à feira, Eliza ficou boquiaberta com as centenas de camelos espalhadas na planície. Havia grupos de homens sentados à roda de fogueiras e, quando o príncipe parou o carro e ela saiu, o cheiro a fumo e estrume era desconcertante. Eliza contara dar nas vistas, mas havia tanta gente que ninguém reparou nela.

— Não se aproxime da traseira de um camelo — disse ele, com um sorriso, a puxá-la para um lado. — São criaturas fedorentas. Rabugentas, também.

Do outro lado de uma pista estreita, ela viu gado, cabras e cavalos.

— Não sabia que havia comércio de várias espécies de gado. Como é que se encontra o que se procura?

— Os camelos têm qualidades diferentes. Quando se sabe o que se quer, não é difícil.

— E o que procura o príncipe?

— Ah — disse ele, e forçou um sorriso. — Isso pode levar uma vida a compreender. Mais outra vida a explicar.

Ela mirou-o. Havia realmente algo de filósofo naquele homem. Quando voltou aos animais, viu que eram de um sortido de tamanhos e cores, e referiu isso mesmo.

— São como nós, não lhe parece? Há raças robustas e animais mais delicados também. Vamos procurar a Indira.

Eliza ficou perto do príncipe, sem saber muito bem como o tratar. Até então, ele insistia em tratá-la por menina Fraser, o que a deixava desconfortável. Só o tratava por príncipe, pelo que decidiu perguntar.

— Trate-me por Jay — respondeu ele. — Toda a gente me trata assim. — Ela franziu o sobrolho. — Bem, não é toda a gente, mas a menina pode.

— Não é bastante informal?

— Não imaginei que a menina seguisse tradições. Não parece, pela maneira como se veste. Aliás, até me passa a ideia de nem ligar ao que veste.

Ele olhava-a atentamente, e ela sentia-se chocada por estar indignada que ele tivesse conseguido ver mais além do seu exterior.

— Isso é bastante...

— Não é nada britânico, quer dizer, mas não sou britânico, mau grado as tentativas de me tornarem um, em Eton.

— Foi o que fizeram?

— O que lhe parece?

Ela olhou para o chão antes de levantar a cabeça, percebeu que as sombras do passado conseguiam estar presentes, mesmo no dia mais soalheiro.

— O meu nome de casada é Cavendish, mas prefiro o de solteira, Fraser.

Ele olhou para o dedo anelar.

Embora chocada com a perda de Oliver, não perdera o sentido de amor. Nas circunstâncias, como poderia? Mas o pai, isso tinha sido uma facada no coração, tão funda que ela não conseguira avançar. Não conseguira comer; não conseguira dormir. Durante vários meses, nem conseguira falar. Saber da sua própria culpa deixara-a vítima de pesadelos horríveis.

— Sou viúva — disse.

Ele ergueu a sobrancelha.

— Não foi minha intenção escondê-lo. Aconteceu.

— É melhor ficar entre nós, creio. O povo ainda pensa que as viúvas trazem azar, e as coisas acabam sempre por se saber.

— Preferia contar à Laxmi. Ela tem sido tão atenciosa, não quero que venha a descobrir e que pense que o fiz por má vontade.

Ele abanou a cabeça.

— O povo pensa que viver mais do que o marido significa que não se tomou conta dele como deve ser, e que isso é, geralmente, culpa do próprio karma.

— Como se eu já não me sentisse péssima o suficiente.

— Espera-se que a viúva faça penitência pelo pecado, que só coma arroz simples e nunca volte a casar-se, mesmo que a lei agora permita novos casamentos. É antiquado, bem sei, mas pode dificultar-lhe a vida. Também contam que vista de branco e rape a cabeça.

— Ele sorriu-lhe.

— Pensei que essas crenças estivessem em extinção.

Ele inclinou a cabeça e encolheu os ombros, como que a refutar o que ela dissera.

— Embora os britânicos tenham declarado o *suttee* ilegal, ainda acontece. Os velhos hábitos custam muito a desaparecer, menina... quer dizer, Sra. Cavendish.

— Creio que é melhor tratar-me só por Eliza.

Ele assentiu. Entretanto, passou por Eliza uma jovem, a correr na direção de Jay, parou em frente deste, fez uma vénia exagerada e depois riu. Era pequenina e, ao princípio, Eliza achou que seria uma criança, alguma parente, mas depois viu o rosto da jovem: mais pálido do que o de Jay, era um rosto tão extraordinariamente belo que Eliza não conseguia desviar o olhar. O cabelo comprido, preso

descontraidamente, chegava-lhe à cintura, e os olhos eram incrivelmente verdes, diferentes do verde-acinzentado dos seus, porque estavam demarcados a escuro. Onde Eliza tinha olhos de um verde suave típico inglês, da cor dos lagos, a rapariga tinha esmeraldas. Cintilavam, refletiam a luz quando ela ria e tagarelava com entusiasmo. Alegria também, pensou Eliza. Uma alegria efervescente e pura. Tinha uma joia no nariz e estava coberta de colares e pulseiras. Após uns momentos, Jay pegou-lhe na mão e, com um sorriso enorme, aproximou-se de Eliza.

— Indira — disse. — Esta é a Eliza, menina Fraser para ti. Eliza, esta é Indira.

— *Namaskar* — disse a rapariga, com as mãos juntas ao peito. Jay interrompeu.

— Foi educada no castelo e fala bem inglês, a Eliza não se deixe levar.



O dia foi passando, até que Jay as levou para o palácio de verão à beira do lago. Não era o que Eliza esperava, pois estava em mau estado; no interior, as paredes estavam a descascar, e no exterior a esboroar. Ele disse-lhe que tinha um palácio igualmente degradado no estado de Juraipore, e que pensava restaurá-lo para o dia em que tivesse a sua própria família.

— Chama-se Shubharambh Bagh. — Eliza sabia que *bagh* significava um lugar com jardim e pomar, especificamente com produção frutícola, e *shubharambh* significava começos auspiciosos. — Pode ficar belíssimo — continuou ele. — Mas também pode ser útil, se a Eliza pensar em fotografá-lo tal como está.

Ela assentiu.

Ele fez-lhe a visita guiada, pelos corredores predominantemente azuis e poeirentos, com arcadas, e ela foi contemplando, genuinamente siderada, os biombos ricamente rendilhados, com motivos de folhagem a sair de uma jarra alta.

— A *jali* — disse ele. — Eram os aposentos das mulheres. Os biombos assim rendilhados permitiam-lhes ver para fora sem serem vistas.

Eliza pensou logo que, longe de ficar atrás de um biombo, Indira parecia ávida de mostrar o caminho, pondo ocasionalmente uma mão possessiva no braço de Jay. Indira não tinha reservas, decidiu ela. Estaria a rapariga a sinalizar que já reivindicara o homem? Certamente não mostrava vergonha de lhe tocar de quando em vez, e ocorreu a Eliza que os dois seriam amantes, ou que Indira seria uma espécie de concubina. Ou talvez se portassem como se fossem irmãos? Depois lembrou-se do que Laxmi dissera, a rapariga era retratista, e tinha grande talento.

— Raramente vimos a este sítio — disse ele. — Portanto vou encontrar-me com um potencial comprador, enquanto cá estivermos na angariação de fundos. Em nome do meu irmão, que não gosta nada de viajar.

— Parece que tem palácios em toda a parte.

— A minha família tem, eu só tenho aquele. A Eliza vai adorar a *loggia* com arcadas, ou talvez seja exagero, chamar-lhe mais do que um alpendre. O chão é de mármore branco, mas infelizmente agora está decrépito. — Ele suspirou. — Precisa mesmo de um bom restauro.

— Não deixa de soar muito bem.

— Preciso de ar e luz com espaço para respirar, coisa que o nosso castelo principal não permite, com o labirinto de corredores e escadarias sombrias. Nesse aspeto, concordo absolutamente com os britânicos.

No terraço tinham disposto grandes almofadas, rodeadas por archotes acesos e, de um lado, um biombo de cortinas diáfanas. Os três instalaram-se e duas raparigas serviram-lhes um festim de fruta, *dhal*, arroz e carnes. Sob as estrelas dispersas, os aromas noturnos chegavam-lhes e fundiam-se com os cheiros da comida e dos corpos quentes. Comovida por uma sensação perturbante de magia que, decerto, não tinha lugar no mundo real, Eliza olhou para o céu. Era como se a noite brilhasse mais do que o dia e, conforme soprava uma brisa ligeira, as cortinas ondulavam. Correndo o risco de querer ficar para sempre, teve de se lembrar de que não estava ali para se deixar seduzir pelo encanto da Índia, mas sim para o capturar, e que o romance do deserto podia, a qualquer momento, tornar-se com violentas tempestades de areia: podia tornar-se o deserto da morte

num abrir e fechar de olhos. Embora a pulsação da vida batesse forte quando a morte vivia à porta, não admirava que se quisesse acreditar, como os hindus, que a vida completava simplesmente uma etapa da viagem rumo à plenitude com o Universo. Nesse momento, Indira começou a cantar uma melodia triste que enterneceu Eliza profundamente, e não conseguiu evitar sentir outra ponta de inveja de mais um talento da jovem.

«Tens de ser assolada pelo amor para o conheceres verdadeiramente.»

Rajputana, Índia, 1930. Desde a morte do marido que a jovem inglesa Eliza vive para a fotografia. Determinada a estabelecer o seu nome, ela aceita um convite do governo britânico para retratar a vida da família real indiana no Estado de Juraipore, de forma a enaltecer a influência da Coroa Britânica.

No palácio real, Eliza conhece Jayant, irmão mais novo do marajá, que a leva a conhecer uma terra marcada por contrastes: de um lado, paisagens de beleza incomparável e uma cultura rica e vibrante, e do outro, a mais devastadora das misérias.

Durante a viagem, Eliza desperta Jayant para a pobreza do povo indiano, ao mesmo tempo que ele lhe mostra a face negra do domínio britânico na Índia. Até que, numa revelação quase kármica, os dois descobrem que estão profundamente ligados e apaixonam-se. Mas com a família real e os britânicos a oporem-se à sua relação, conseguirão Eliza e Jayant libertar-se das obrigações e cumprir o seu destino?

**Uma história sobre um amor genuíno
que enfrentará o peso dos costumes e da tradição
no coração da Índia colonial.**

**LEIA TAMBÉM AS
HISTÓRIAS COMOVENTES:**



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8917-29-4



9 789898 917294

Romance Histórico